



**Roberta Krewer Molina**

Mestranda em História na  
Universidade de Passo  
Fundo.

## CHOQUE DE CIVILIZAÇÕES: REVISITA À OBRA DE SAMUEL HUNTINGTON

### CLASH OF CIVILIZATIONS: REVISITING THE WORK OF SAMUEL HUNTINGTON

**RESUMO:** O presente artigo revisita a obra e a teoria do choque de civilizações de Samuel Huntington. Essa teoria, muito difundida no início da década de 1990, propõe que as identidades culturais e religiosas presentes nas civilizações, seriam a principal causa de conflitos no mundo pós-Guerra Fria. Essa teoria, desafia as visões tradicionais que explicam as origens dos conflitos globais e as relações de poder, que estão presentes nas questões políticas e econômicas, atribuindo importância aos aspectos culturais e comportamentais. Em sua argumentação, Huntington nos traz que as diferenças culturais existentes entre as civilizações, especialmente no que diz respeito a valores, crenças e tradições, irão tornar os conflitos entre elas, inevitáveis. Tais afirmações são verificáveis na atualidade, com diversos conflitos por questões religiosas e espaços de terra. Entretanto, é uma teoria controversa, visto que, sua ideia preconiza de certos povos e de uma profecia de conflitos que nunca se desenvolveram na realidade.

**Palavras-chave:** Choque de civilizações; Geopolítica; Huntington.

**ABSTRACT:** This article revisits Samuel Huntington's work and theory of the clash of civilizations. This theory, widespread in the early 1990s, proposes that the cultural and religious identities present in civilizations would be the main cause of conflicts in the post-Cold War world. This theory challenges traditional views that explain the origins of global conflicts and power relations, which are present in political and economic issues, attributing importance to cultural and behavioral aspects. In his argument, Huntington brings us that the cultural differences between civilizations, especially regarding values, beliefs and traditions, will make conflicts between them inevitable. Such statements are verifiable today, with several conflicts over religious issues and land spaces. However, it is a controversial theory, since its idea advocates certain peoples and a prophecy of conflicts that never developed on reality.

**Keywords:** Clash of civilizations; Geopolitics; Huntington.

## 1 Introdução

Após o colapso da União Soviética, houve diversas teorias a respeito de como seria um mundo sem a “Guerra Fria”. Iniciada pouco depois da Segunda Guerra Mundial, este ‘não-conflito’, gerou diversos embates, através de conflitos não diretos entre as potências dos Estados Unidos e da União Soviética. Esses embates se deram em grande parte por meio de *proxy wars* (Berman; Lake; Macdonald, 2019), tais como as guerras da Coreia (1950-1953), do Vietnã (1955-1975) e do Afeganistão (1979-1989).

A partir do final da década de 1980, com a queda do muro de Berlim, Francis Fukuyama desenvolveu a tese que ocorrera o “fim da história”. Fukuyama (1992), defendia que o capitalismo seria o modelo final da estrutura civilizacional e que a democracia liberal seria capaz de dirimir conflitos. Contudo, essa teoria não leva em consideração um mundo multipolarizado, gerando espaços para a contestação da hegemonia da democracia liberal no mundo (Mearsheimer, 2001). Uma dessas contestações é a teoria do paradigma civilizacional ou “choque de civilizações”, conceito apresentado pelo estadunidense Samuel Huntington – originalmente escrita através de um artigo chamado de “*The Clash of Civilizations*” (Huntington, 1993). A tese defendida por Huntington foi uma manifestação contrária ao livro de Fukuyama, intitulado “*The End of History and the Last Man*” (Fukuyama, 1992). A teoria de Huntington marcou o ponto de virada para os conflitos globais presentes no futuro da humanidade ao afirmar que no passado as disputas eram motivadas por ideologias políticas ou econômicas, mas, com o fim da Guerra Fria, passariam a ser embates de identidades culturais e religiosas, sendo estes os principais responsáveis pelos confrontos espalhados pelo mundo (Huntington, 1997).

É possível caracterizar a tese de Huntington dentro de uma perspectiva realista, observando em autores que evidenciam sua teoria (Kaplan, 2000; Mearsheimer, 2001), considerando como realismo a forma como discorrem os acontecimentos mundiais. Essa visão advém de um certo pessimismo pronunciado em relação à natureza humana (Santos, 2016). O realismo acaba oferecendo uma visão pragmática da luta pelo poder, a natureza de conflitos e dos interesses dos Estados em um cenário internacional marcado por um sistema anárquico (Nogueira, 2006). Tal visão vem carregada de um arcabouço teórico robusto em seu entendimento e compreensão da persistência de conflitos e competições que se apresentam entre os Estados (Santos, 2016).

Considerando que a teoria do “choque de civilizações” carrega consigo uma perspectiva realista, surge uma questão para melhor aprofundamento: a tese do choque de civilizações ainda é válida para a relação entre nações na realidade contemporânea, em

um mundo multipolarizado? Essa pergunta se justifica, pois se baseia na perspectiva de um conceito raso do que seriam civilizações, partindo de uma premissa ocidental sobre o mundo (Said, 2014). Em um mundo multipolarizado essa ideia soa como uma proteção dos interesses estadunidenses, ao salvaguardar uma minoria branca, protestante e anglo-saxônica (Abozaid, 2018).

Este artigo tem como objetivo revistar a obra de Huntington sob um olhar crítico, levando em consideração um mundo multipolarizado, complexo e diverso. Para este intento, optou-se por dividi-lo em quatro partes. Em um primeiro momento, vamos tratar dos postulados da teoria do choque de civilizações e suas variações. Em seguida, vamos abordar alguns autores críticos e suas perspectivas. A terceira parte, versará sobre a relação entre a realidade multipolar e a teoria de Huntington. E por fim, chega-se à conclusão com possibilidades de pesquisas futuras.

## **2 A Teoria do Choque de Civilizações**

A União Soviética teve sua queda deflagrada em 1991, resultado de uma série de fatores políticos e econômicos enfrentados pelo governo de Mikhail Gorbachev. Para Kotkin (2008), o colapso não foi inevitável, na verdade, foi evitado por várias décadas, argumentando que, apesar dos problemas políticos, econômicos e sociais que a União Soviética enfrentava, durante todo esse período, o comunismo conseguiu sustentar-se no poder.

Com o desaparecimento do fantasma chamado ‘ameaça comunista’ da União Soviética, a maioria das pessoas esperavam um mundo mais harmonioso e pacífico para se viver. No entanto, a teoria de Huntington (1997) nos traz outro cenário da história daquele período, argumentando que o fim da Guerra Fria não levaria a humanidade ao “fim da história”, como sugerido por Fukuyama (1992). Este “fim da história”, se baseia na ideia de que não haveria outra forma de desenvolvimento a não ser pela propagação da democracia liberal. Isso marcaria o fim da evolução sociocultural da humanidade, com o surgimento de um novo estágio, onde a sociedade liberal poderia suprir todas as necessidades das civilizações (Kanaan, 2005). Se atingisse este estágio, seria o fim do desenvolvimento de princípios e de instituições básicas e as questões que fossem realmente importantes estariam resolvidas (Fukuyama, 1992). Diante deste cenário, os níveis de desenvolvimento proporcionados não teriam precedente, tanto para os países industrializados quanto para os países pobres, onde esses últimos receberiam uma série de investimentos sociais (Kanaan, 2005). Isso culminaria em promover igualdade de oportunidades para todos os cidadãos mundiais (Fukuyama, 1992).

Essa seria a única forma de aspiração política e cultural, através da prevalência dos princípios da democracia liberal. A democracia liberal têm por valores principais o direito à propriedade, o individualismo, a subjacência aos pressupostos hobbesianos em contratos, separando a questão política da questão econômica (Brown, 2019). Entretanto, críticos da democracia liberal, enxergam o ambiente de relações internacionais como anárquico, considerando improvável a relação entre variadas culturas, formada por diferentes grupos civilizacionais (Nogueira, 2006).

Huntington (1997), em sua obra “O Choque de Civilizações”, propõe que existem nove grandes civilizações na história, cada uma com sua própria identidade e costumes únicos: Ocidental, Ortodoxa, Islâmica, Confucionista, Japonesa, Hindu, Budista, Africana e Latino-Americana. De acordo com essa visão, as diferenças culturais entre essas entidades são profundas e fundamentais, permeando valores, tradições e crenças. É impossível reconciliá-las facilmente e o conflito entre elas é inevitável, especialmente em um mundo pós-Guerra Fria, onde as identidades culturais e religiosas se tornam cada vez mais evidentes. Este período pós-Guerra Fria ficou caracterizado por mudanças profundas na ordem mundial, marcando o início de uma nova era política, bem como econômica das nações.

Para Huntington, seria o surgimento de uma nova era de conflitos e rivalidades entre as superpotências, baseados em diferenças culturais e religiosas, onde o mundo estaria dividido em diferentes civilizações, e a relação de paz entre elas seria praticamente impossível de ocorrer. Através de sua teoria, observou que as identidades culturais e religiosas estavam tornando-se cada vez mais volumosas. Pessoas estavam identificando-se mais com suas culturas e religiões, do que com as ideologias políticas e econômicas.

Além disso, Huntington previu que o Ocidente, no qual era comandado pelos Estados Unidos, acabaria enfrentando crescentes desafios impostos por outras civilizações, como por exemplo a civilização Islâmica, argumentando que tais civilizações não compartilhavam dos mesmos valores e instituições do Ocidente e, portanto, representavam uma grande ameaça à sua hegemonia (Huntington, 1997; Lewis, 1990). As ditas sociedades não ocidentais acabaram conquistando sua independência política, libertando-se da dominação econômica, bélica e cultural por parte do Ocidente. Os islâmicos, desde então, vem buscando uma paridade militar para contrabalançar com o Ocidente, assim como não hesitam em apontar as falhas entre os princípios e as práticas ocidentais (Huntington, 1997).

Huntington ainda sugere que essas diferentes civilizações poderiam formar uma coligação e conexão com os Estados, com o objetivo de desenvolver e defender seus

interesses, unindo forças contra entidades de uma terceira civilização que poderia surgir. Porém, o autor deixa claro que as civilizações quase nunca terão uma relação de cumplicidade e parceria, e sim uma relação fria e cheia de hostilidades, inerentes de conexões herdadas do passado, assim como alianças militares do tempo da Guerra Fria.

As relações intercivilizacionais que surgirão normalmente variarão de distanciadas a violentas, situando-se a maioria em algum ponto entre esses dois extremos. Em muitos casos, elas provavelmente se parecerão com a “paz fria” que Boris Yeltsin advertiu que poderia ser o futuro das relações entre a Rússia e o Ocidente (Huntington, 1997, p. 259).

O autor ainda argumenta que há distinção entre as palavras “civilizações” e “civilização”, fazendo-se necessário que compreendamos o significado de ambas. O conceito de civilização remonta ao século XVIII, para se opor ao conceito de ‘barbarismo’. Uma sociedade considerada “civilizada” era diferente da sociedade dita ‘primitiva’. A diferença entre uma e outra estava estabelecida na constituição de regiões urbanas e na sua alfabetização. Chama atenção a premissa de bom ou ruim, onde ser bom, era ser civilizado e ser ruim, era ser não civilizado.

Durante o século XIX, os europeus dedicaram muito esforço intelectual, diplomático e político para estabelecer critérios em que as sociedades ditas não europeias pudessem ser julgadas minimamente ‘civilizadas’, para que fossem aceitas como membros da sociedade internacional, até então, dominados pelos europeus. Mas assim como utilizavam a palavra ‘civilizada’, ao mesmo tempo, observava-se que cada vez mais pessoas usando o termo ‘civilizações’. A compreensão de ‘civilizações’ pode ser atribuída aos grupos de populações, independentemente de sua localização geográfica, que compartilham características fundamentais, como religião, história, costumes (Norris; Inglehart, 2002). Esses grupos por sua vez formam blocos culturais que moldam a identidade e a interação dos povos ao longo da história (Huntington, 1997).

Na atualidade, por exemplo, a tese de Huntington chama nossa atenção para os conflitos entre a civilização Ocidental e a Islâmica como sendo um dos principais pontos de tensão no mundo contemporâneo. Ele afirma que as diferenças fundamentais baseadas em valores, como a democracia e os direitos individuais no Ocidente em comparação com a tradição e a autoridade religiosa no Islã, são fortes potenciais de conflitos. Além disso, sugere que as civilizações não mudam com facilidade suas identidades culturais e nem religiosas, o que significa que essas diferenças entre elas, apresentam um longo período e são persistentes e propensas a gerar grandes conflitos que se prolongam por muito tempo. Ele também argumenta que, o aumento do contato e da interação entre as

civilizações, em decorrência da globalização, podem realmente aumentar as tensões e os conflitos, em vez de promover a harmonia e a cooperação. Ainda abordando sobre a atualidade, Huntington (1997) nos traz que a civilização e a cultura, ambas demonstram um estilo de vida no modo geral de um povo, que envolve um conjunto de valores, normas, instituições e o modo de pensar de um determinado lugar ou região; passados ao longo do tempo entre as gerações, pois uma civilização é a entidade cultural mais ampla e o mais alto agrupamento cultural de pessoas e de identidade, distinguindo-as das demais espécies.

Assim, da mesma forma em que as civilizações perduram ao longo dos anos, elas também evoluem, são dinâmicas, alcançam sua ascensão e caem, se misturam e, ao mesmo instante, se dividem e no espaço das gerações desaparecem e são enterradas nas areias do tempo. Essa visão das civilizações como entidades distintas, com diferenças culturais profundas e conflitos inevitáveis entre elas, representa um desafio significativo para controlar e ordenar as relações entre Estados, que normalmente se enfatiza por interesses comuns e a cooperação entre estes. Apesar de controversa, a teoria do ‘choque de civilizações’ levanta questões importantes sobre como lidar com a diversidade cultural e religiosa no mundo contemporâneo e como evitar que as diferenças levem a conflitos destrutivos.

### **3 Críticas à tese do Choque de Civilizações**

A teoria do choque de civilizações de Samuel Huntington, do ponto de vista geral de seus críticos, apresenta importantes implicações políticas e estratégicas que vão além da análise acadêmica. Uma das principais críticas à teoria de Huntington, é a simplificação quase que excessiva das civilizações espalhadas pelo mundo. Estas são vistas como entidades homogêneas e monolíticas, ou seja, apresentam uma composição uniforme em toda a sua extensão, representadas por grandes organizações, unificadas e resistentes a qualquer mudança, ignorando as diversidades internas e as complexidades inerentes das interações globais (Zakaria, 2007).

Essa simplificação das civilizações pode levar a uma visão determinista e fatalista das divergências, já que sugere que as diferenças culturais e religiosas entre as civilizações são inevitavelmente fontes de conflitos (Huntington, 1997). Essa visão pode ser perigosa, pois desconsidera a possibilidade de diálogo, cooperação e entendimento entre as diversas culturas existentes (Said, 2014). Se não bastasse, a teoria de Huntington pode ter implicações negativas para a política externa e a segurança internacional (Mearsheimer, 2001). Se os líderes políticos adotarem essa visão simplificada das

relações entre as civilizações, conseqüentemente, podem ser levados a tomar decisões precipitadas ou agressivas em resposta a conflitos percebidos, aumentando assim as tensões e o risco iminente de um real embate (Mearsheimer, 2001).

Entre os críticos da teoria do choque de civilizações de Huntington, temos o teórico Fareed Zakaria, que se concentra em questões relacionadas a política internacional, a democracia e a globalização. Zakaria (2007) prossegue argumentando que a teoria é falha em reconhecer a riqueza e a diversidade dentro das civilizações, o que acaba levando a uma visão simplificada e essencialista das relações internacionais. Também sugere que ao se concentrar exclusivamente nas interações entre civilizações, a teoria do choque de civilizações ignora as complexidades das relações internacionais contemporâneas, que são moldadas por uma variedade de atores e fatores.

Seguindo na linha de críticos da teoria de Huntington, temos John Esposito, um especialista em estudos islâmicos e relações internacionais, conhecido por criticar a teoria do choque de civilizações e o Islã, ambos abordados por Huntington em seu livro. Uma das críticas do autor é que essa teoria retrata o povo islâmico como sendo uma civilização unicamente monolítica e homogênea, simplesmente ignorando as questões relacionadas a diversidade cultural, de tradições e práticas que existem entre o povo muçumano (Esposito, 1999). Ainda argumenta que a visão de Huntington é rasa e simplista, e essa simplificação acaba contribuindo para a construção de estereótipos negativos entre os muçulmanos e o Islã como um todo, levando a uma concepção distorcida e prejudicial, frequentemente associadas a ideias de violência, intolerância e atraso de um povo (Idem).

Trazendo em contraponto aos críticos, se faz necessário uma abordagem teórica mais profunda, para se avaliar uma teoria sob diversos ângulos. Nesse sentido, temos o teórico Bernard Lewis, historiador e especialista em História do Oriente Médio, que, embora não tenha abordado diretamente em seus livros um apoio à teoria do choque de civilizações, algumas de suas análises e argumentos, sugere que ele compartilha de uma visão muito semelhante à de Huntington, sobre as relações entre as civilizações do Oriente (Abozaid, 2018; Lewis, 1990). Em seu livro *“What went wrong? western impact and Middle Eastern response”* (Lewis, 2001), analisa o declínio do mundo islâmico em relação ao Ocidente e todas as conseqüências que esse declínio traz, aumentando significativamente a tensão e os conflitos. Ele também defende a ideia de que o Islã e o Ocidente representam duas civilizações distintas e com valores e perspectivas diferentes, sendo uma visão que ecoa a de Huntington.

Entre outros autores que apoiam a teoria do choque das civilizações de Huntington, temos o historiador britânico Niall Ferguson, fazendo um paralelo a respeito

da ascensão do Ocidente perante o resto do mundo. Ele argumenta que, o sucesso na ascensão do Ocidente a partir do século XV em se tornar a civilização dominante no mundo não foi algo inevitável, mas sim resultado de uma série de fatores únicos, que incluem diretamente o desenvolvimento do capitalismo e a era do consumismo, os estudos científicos, a evolução da medicina moderna e a ética protestante. Estes fatores, denominados como *'killer applications'*, permitiram que o Ocidente saltasse à frente do resto, ou seja, os seus rivais orientais (Ferguson, 2011).

Para o autor, não se trata de um eurocentrismo ou um antiorientalismo afirmar que a ascensão do Ocidente é o fenômeno histórico mais importante que surgiu no milênio depois de Cristo, uma afirmação óbvia. O maior desafio que surge é conseguir explicar como tudo isso aconteceu ao longo da existência da humanidade; como após o século XV, a civilização da Europa Ocidental superou os impérios superiores do Oriente.

Seguindo na ótica de Ferguson, o qual afirma claramente que muitas pessoas ainda manifestam uma indignação moral em relação aos erros cometidos pelo imperialismo, as diferentes formas de colonização, em contraste com a mera extração de recursos, tiveram impactos variados ao longo do tempo. Embora reconheça a existência de erros, o legado imperial é crucial para compreender a predominância do Ocidente, já que as sociedades ocidentais possuíam estruturas imperiais muito antes do imperialismo ser criticado por marxistas e leninistas (ibidem). Sabe-se que o século XVI foi um período de intensas atividades marítimas europeias, mas para os grandes impérios do Oriente, os marinheiros portugueses e holandeses eram o oposto do que julgavam ser os portadores da civilização, eram vistos como bárbaros, mal cheirosos e repugnante, uma ameaça para o Império do Meio (ibid.)

A ascensão do Ocidente não pode ser explicada se utilizando os velhos termos surrados do imperialismo. Teria sido a geografia e o clima do extremo ocidente da Eurásia o responsável pelo surgimento das divergências? Em seu livro, Ferguson nos deixa várias perguntas como reflexão, cabe a interpretação do contexto histórico feito por outros historiadores. A ascensão do Ocidente, é vista pelo autor como algo muito simples, tal fenômeno histórico seria, depois de Cristo, a história que estaria dentro do coração da história moderna. Sendo para os historiadores, um dos enigmas mais difíceis de se resolver, não apenas em satisfação de nossa própria curiosidade, mas sim, para podermos identificar as reais causas da ascensão do Ocidente, e que de todo modo, o autor menciona que a teoria de Huntington é uma profecia não cumprida, que não se aplica e por fim, é falha.

#### 4 Profecia Não Aplicável

Apesar das críticas, a teoria do choque de civilizações de Samuel Huntington trouxe uma nova perspectiva para a compreensão dos conflitos no mundo pós-Guerra Fria. Huntington sugere que os principais conflitos do futuro ocorreriam entre diferentes civilizações, em vez de entre Estados-nação. No entanto, sua aplicabilidade tem sido amplamente contestada (Abozaid, 2018; Ferguson, 2011; Mearsheimer, 2001; Zakaria, 2007). Sobretudo, porque a teoria de Huntington tende a simplificar excessivamente a diversidade cultural e a complexidade das identidades civilizacionais.

Vivemos em um ambiente culturalmente diversificado, com nuances que se manifestam tanto em nível doméstico, quanto internacional. Abozaid (2018) argumenta que a teoria é falha em reconhecer a multiplicidade de identidades que coexistem dentro das civilizações, resultando em uma visão reducionista das interações humanas. Zakaria (2007) também faz críticas a teoria de Huntington, por não reconhecer a riqueza e a diversidade existente dentro das civilizações, levando a uma visão muito simplificada das relações internacionais. Além disso, Ferguson (2011) sugere que a teoria do choque de civilizações ignora a dinâmica do imperialismo histórico e os legados de colonização e extração de recursos, que tiveram impactos variados e profundos ao longo do tempo, contribuindo para a complexidade das interações que moldaram as relações internacionais de maneira significativa.

Mearsheimer (2001), por outro lado, destaca que os conflitos contemporâneos são frequentemente moldados por fatores geopolíticos e estratégicos, argumentando que a teoria de Huntington não consegue capturar adequadamente a luta pelo poder entre Estados-nação. O autor ainda argumenta que as alianças estratégicas continuam a desempenhar um papel crucial na política internacional. Fato recente ocorrido, que demonstra essa luta pelo poder, é a invasão russa à Ucrânia. Em um primeiro momento pode transparecer que Huntington ‘profetiza’ esse fato: Para Huntington (1997) a civilização ortodoxa é composta pelos laços centenários de russos com países próximos em sua zona de influência (desde Armênia, Moldávia, Geórgia, entre outros). Especificamente em consideração as relações entre Ucrânia e Rússia, sua perspectiva era de não ocorrer um conflito, pois as origens civilizacionais de ambos os países não levariam isso a termo. Se tal fato ocorresse haveria uma fratura do país, com sua parte oriental se unindo a Rússia e a parte ocidental se voltando ao Ocidente (idem). Contudo, os motivos que levaram a invasão foram a proximidade da OTAN, caso se concretizasse uma entrada da Ucrânia na organização (Mielniczuk, 2022). Neste caso não foi um

‘choque civilizacional’, mas sim uma possível ameaça militar que levou ao conflito entre os dois países.

Outra questão, é com relação ao conflito entre Israel e o grupo armado Hamas. Apesar de não haver menção direta ao Estado Palestino em seu livro, esse conflito, na interpretação de Huntington pode significar um choque da civilização islâmica com a civilização judaica. Embora o motivo oficial do início do conflito ter sido o ataque por parte do Hamas diretamente em território israelense em 7 de outubro de 2024, especula-se que o primeiro-ministro de Israel, Benjamin Netanyahu, queria um motivo político para manter o conflito. Ainda em 2023 o *premier* israelense tentou conduzir um processo de reforma na Suprema Corte do país, aumentando inclusive o número de ministros vinculados ao tribunal (Edwards, 2024). Isso levou uma série de protestos em Israel, considerando a ação um golpe, visto que anteriormente Netanyahu, havia sido indiciado por corrupção (Marsden, 2023).

Isso demonstra que Ferguson (2011) está correto em dizer que a teoria do choque de civilização é uma profecia que nunca se realizou. Parte dos conflitos entre Estados não se dá em torno de preceitos civilizacionais, não se enxergando isso no cenário geopolítico mundial atual. Se não bastasse, a teoria é carregada de aspectos orientalistas, ao considerar o Ocidente como o condutor mundial para a não conflagração de conflitos (Said, 2014)

## **5 Considerações Finais**

Com a queda da União Soviética, surgiram questionamentos de como o mundo seria após a Guerra Fria. As relações internacionais e o choque cultural e religioso entre as civilizações acabaram sofrendo mudanças significativas, o que evidenciou novos atores regionais e abriu espaço para o surgimento de novas potências mundiais. Entre essas potências surge os Estados Unidos, que passou a ser um dos detentores do controle político e econômico mundial.

Na medida em que as identidades culturais e religiosas se tornam cada vez mais evidentes no mundo pós-Guerra Fria, essa relação entre as civilizações apresenta laços profundos e fundamentais à sua existência. Especialmente em questões relacionadas a valores, tradições e crenças, tornando o conflito entre as civilizações inevitável, caracterizando a teoria do choque de civilizações de Huntington.

Os autores que defendem a teoria do choque de civilizações argumentam que a abordagem feita por Huntington é crucial para que possamos entender os desafios que a convivência entre diferentes civilizações no mundo contemporâneo nos traz. Tendo a

consciência que as diferenças culturais e religiosas são fatores importantes que devem ser considerados nas relações internacionais, podendo estes, se não vistos adequadamente, desencadear diversos conflitos.

Por outro lado, temos os autores que criticam a teoria de Huntington, argumentando que sua teoria é simplista e contribui para estereótipos negativos e preconceituosos sobre as civilizações e a identidade dos povos. Destacam, que as civilizações não se resumem a blocos monolíticos e homogêneos, mas são compostas por uma variedade de identidades linguísticas, culturais e com diferentes perspectivas políticas. Os críticos defendem uma abordagem ampla e cheia de nuances, mais claras sobre as relações internacionais e a diversidade dentro das civilizações, evitando visões generalizadas e simplistas destes povos.

Não é possível considerar que a teoria do choque de civilização permanece como relevante na literatura de Relações Internacionais. Contudo, um ponto a ressaltar é que a teoria trouxe uma perspectiva pessimista com relação a integração global, sugerindo ser impossível um consenso entre as nações. Independentemente disso, outras pesquisas podem considerar uma revisão da utilização desta teoria na interpretação dos conflitos atuais. Também existe a possibilidade de revisões bibliométricas para identificar a relevância de Huntington com maior assertividade.

## Referências

ABOZAIID, A. M. “Clash of Civilizations” at Twenty-Five. **Contemporary Arab Affairs**, [s. l.] v. 11, n. 4, 2018, p. 135–158. Disponível em: <https://doi.org/10.1525/caa.2018.114007>. Acesso em: 19 jun. 2024.

BERMAN, E.; LAKE, D. A.; MACDONALD, J. (org.). **Proxy wars: suppressing violence through local agents**. Ithaca: Cornell University Press, 2019.

BROWN, W. **Nas ruínas do neoliberalismo: a ascensão da política antidemocrática no Ocidente**. São Paulo: Politeia, 2019.

EDWARDS, C. What we know about Israel’s Supreme Court ruling on Netanyahu’s judicial overhaul. *In*: CNN INTERNATIONAL. 2 jan. 2024. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2024/01/02/middleeast/israel-supreme-court-ruling-netanyahu-explained-intl/index.html>. Acesso em: 23 jun. 2024.

ESPOSITO, J. L. **The Islamic threat: myth or reality?** 3. ed. New York: Oxford University Press, 1999.

FERGUSON, N. **Civilization: the West and the rest**. New York: Penguin Books, 2011.

FUKUYAMA, F. **The end of history and the last man**. 1. ed. New York: Free Press, 1992.

HUNTINGTON, S. **O choque de civilizações**. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.

HUNTINGTON, S. P. The Clash of Civilizations?. **Foreign Affairs**, [s. l.], v. 72, n. 3, 1993, p. 99-118. Disponível em: <https://www.foreignaffairs.com/articles/united-states/1993-06-01/clash-civilizations>. Acesso em: 19 jun. 2024.

KANAAN, H. S. O fim da história e o último homem (Francis Fukuyama). **PerCursos**, [s. l.], v. 6, n. 1, 2005, p. 1-10. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/percursos/article/view/1451>. Acesso em: 21 jun. 2024

KAPLAN, R. D. **The coming anarchy: shattering the dreams of the post Cold War**. 1. eded. New York: Random House, 2000.

KOTKIN, S. **Armageddon averted: the Soviet collapse, 1970-2000**. Updated edition. Oxford: Oxford University Press, 2008.

LEWIS, B. The Roots of Muslim Rage. **The Atlantic**, [s. l.], v. 266, n. 3, 1990, p. 47–60. Disponível em: <https://www.theatlantic.com/magazine/archive/1990/09/the-roots-of-muslim-rage/304643/>. Acesso em: 19 jun. 2024.

LEWIS, B. **What went wrong? western impact and Middle Eastern response**. 1. ed. Oxford: Oxford University Press, 2001.

MARSDEN, A. Netanyahu's corruption trial resumes under shadow of war. *In*: THE JERUSALEM POST. 3 dez. 2023. Disponível em: <https://www.jpost.com/israel-news/politics-and-diplomacy/article-776354>. Acesso em: 23 jun. 2024.

MEARSHEIMER, J. J. **The tragedy of Great Power politics**. New York: Norton, 2001.

MIELNICZUK, F. Rússia e Ucrânia: a guerra que “não pode ser vencida”. **Conjuntura Austral**, [s. l.], v. 13, n. 64, 2022, p. 7–15. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/2178-8839.128328>. Acesso em: 23 jun. 2024.

NOGUEIRA, J. **Teoria Das Relações Internacionais**. São Paulo: Elsevier, 2006.

NORRIS, P.; INGLEHART, R. Islam & the West: Testing the Clash of Civilizations Thesis. **SSRN Electronic Journal**, [s. l.], 2002. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.2139/ssrn.316506>. Acesso em: 19 jun. 2024.

SAID, E. W. The Clash of Ignorance. *In*: DITTMER & SHARP (Ed.) **GEOPOLITICS: AN INTRODUCTORY READER**. New York: Routledge, 2014. Cap: 27.

SANTOS, A. D. M. O REALISMO NA TEORIA DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS. **Caderno de Relações Internacionais**, [s. l.] v. 3, n. 5, 2016, p.84-92. Disponível em: <https://revistas.faculdedamas.edu.br/index.php/relacoesinternacionais/article/view/239>. Acesso em: 19 jun. 2024.

ZAKARIA, F. **The future of freedom: illiberal democracy at home and abroad**. New York: Norton, 2007.

**Recebido em 15 de maio de 2024.**

**Aceito para publicação em 23 de junho de 2024.**